



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Domingo, 01 de setembro de 2017 N°27

O ROMANCE DE ESTHELTYA

Esperança também é marcada por suas trágicas paixões. Ainda ecoam por essas ruas os cantares de Esthelyta, evocando o seu amado. Quando moça, perdeu a virgindade por acreditar numa falsa promessa. O casamento prometido nunca aconteceu, vangloriando-se o rapaz da sua conquista. Ela era a jovem mais bonita da cidade, de uma família tradicionalista.

A mãe foi o tabernáculo sagrado daquela confissão, mas não demorou muito até que o pai ficasse sabendo de sua aventura pela boca miúda de alguns fofoqueiros. Interna-la em um convento seria uma opção, se o pai não fechasse os ouvidos aos conselhos da esposa, espancando e colocando a menina para fora de casa.

Esthelyta então foi morar na capital, instalando-se em casa de uma parente que acolheu a pobre moça. A sua beleza encantava os homens da capital, chamando a atenção de um poderoso político. O cruel destino jogou-a em suas mãos, passando a residir em um apartamento alugado onde recebia o seu querido provedor. Vivia daquilo que ele lhe ofertara, sem precisar trabalhar. Veio então a “Revolução de 30”, onde muitos perderam a vida, inclusive aquele seu amante. Despejada do seu

alojamento e sem poder se manter, abraçou a inevitável vida em um cabaré da cidade. Os anos não lhe foram gratos, e com o passar do tempo já não era mais procurada pelo seu prazer.

Voltando a terra natal, foi recebida por Nana Besouro que possuía uma casa na antiga manichula. Uma nova oportunidade se lhe abriu, pois ainda lhe restava certo vigor e formosura que atraíam os homens.

Todavia, Esperança lhe causava uma grande dor, pois sendo ela uma “dama da noite”, não podia rever os parentes que desprezavam a sua horrível sina. Deprimida, passou a beber cada vez mais e com a idade avançada entregou-se aquele vício.

Eurico Brandão – revisitando suas memórias – em comentário a nossa publicação, escreve que quando Esthelyta bebia dava um show: “Todos corriam para escutá-la. Cantava com uma voz linda. Morava na antiga rua da Lama numa humilde casa de taipa. Filha de negra se destacava por sua elegância, altura, pele morena clara e lindos olhos verdes. Isso na década de 50. Sua música preferida era “Farrapo Humano”. Falavam exatamente isso naquela época: fez sucesso num cabaré da capital e era disputada pelos homens mais ricos que o frequentava”. [[Continua na segunda página](#)]



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 27
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloise
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



O ROMANCE DE ESTHELTYA

Conclusão da primeira página

Antes de sua morte – dizem – vagava pelas ruas da cidade, embriagada e lembrando de seu amor, cantando um velho hino de autoria de Osvaldo Santiago e Eduardo Souto:

*João Pessoa! João Pessoa!
Bravo filho do sertão
Toda pátria espera um dia
A tua ressurreição!*

*João Pessoa! João Pessoa!
O teu vulto varonil
vive ainda, vive ainda
No coração do Brasil!*

Em nosso Município corre o boato que o político famoso de quem Esthelyta foi

amante seria ninguém menos que o Presidente João Pessoa. Essa história tem sido repetida por gerações, por pessoas que a conheceram. Contudo, em nossas pesquisas, nada encontramos que possa confirmar esse relato.

Esthelyta era uma mulher de tez negra, olhos verdes e muito esbelta. Apesar de sua idade avançada e dos infortúnios da vida – segundo dizem – ainda guardava os traços da beleza. Há quem lhe aponte o tronco familiar, que não ousamos mencionar para não cometer algum impropério.

Em nossa página do Facebook (RauFerreira) há inúmeros comentários acerca deste post, assim como no Grupo “Esperança – Terra mãe!”, escrito pelos esperancenses.

Alguns comentários da internet:

Eurico Brandão: (...) bela mulher quando bebia dava um show. Todos corriam para escutá-la. Cantava com uma voz linda. Morava na antiga rua da Lama numa humilde casa de taipa. Filha de negra se destacava por sua elegância, altura, pele morena clara e lindos olhos verdes. Isso na década de 50. Sua música preferida era " Farrapo Humano". Falavam exatamente isso naquela época: fez sucesso num cabaré da capital e era disputada pelos homens mais ricos que o frequentava.

Betânia Galdino: Minha mãe contava essa história. Eu tenho vaga lembrança em seus últimos momentos de vida

Socorro Aciole: Contava minha mãe que no auge do luxo Estelita usava roupas de seda com alças de ouro. Eram as antigas combinações usadas por baixo dos vestidos cuja alças eram correntinhas.

O ROMANCE DE ESTHELITA - Alguns comentários da internet:

Rosimar Gatto: Eu conheci a Esthelita. Ia muito na minha casa quando eu era bem pequena, mas eu nunca esqueci eu ficava junto dela admirando seus lindos olhos verdes pareciam duas Esmeraldas e ela dizia comigo tá com medo de mim? E cantando sempre o ÉBRIO. bem alta magra e muito bonita. Ela almoçava e ia pra casa de Dona Juliana de Sr Titico. Ou comia lá em casa ou na casa de Dona Juliana. De longe já se ouvia ela cantando uma voz linda. E mamãe dizia que ela tinha sido casada com o Governador João Pessoa. Era os comentários da época. LINDA , LINDA ela era mesmo. Mesmo com todo maltrato era muito BONITA.

Terna Alves: Ela tinha os olhos verde e os cabelos compridos paricia uma cigana chamada Esmeralda muito bonita mesmo.

PEDRO E A VENDA GARANTIDA

Pedro Pichaco sempre aprontava das suas, conseguindo se desvencilhar graças a sua sagacidade. Esta é mais uma daquelas histórias que permeiam o imaginário popular, não obstante já tenha o mandrião consagrado grandes façanhas como “O homem que vira macaco”.

Pois bem. Certa feita apareceu Pedro na feira de troca em Esperança, espaço conhecido pela comercialização de coisas usadas.

Lá você encontra de tudo, de bicicleta a furadeira; de pneu de carroça a disco de vinil. Bem perto há uma barraca de cachaça, uns meninos jogando peão e as “damas” chegadas da noite que vão em busca de velhos agricultores angariando algum tostão pobre.

Nesse cenário chega Pedro com uma vitrola oferecendo-a a pouco réis. O produto era vistoso: rádio e toca-discos, armário de madeira, alto-falante de 12 polegadas, com tampa e tudo. Zé de Facheiro que frequentava o ambiente, logo se interessa pra fazer um agrado a mulher. Ajustado o preço, coloca Zé a radiola num carro de mão e vai prá casa todo satisfeito.

Ao chegar em sua residência, qual não fora a surpresa, pois o eletro não deu sinal de vida. Quando muito dava uns chiados, com as estações fora de

sintonia. O toca-discos nem se mexia, para a decepção de Zé. Após levar uns breques da mulher, Zé correu de volta a feira onde encontra Pedro tomando umas bicadas:

- Pedro seu ladrão! Esse troço é imprestável, quero meu dinheiro de volta.

- Espere aí, aqui não existe devolução não! Você comprou foi coisa boa, garantida!!

- É por isso que exijo meu dinheiro de volta! Quero fazer valer minha garantia.

- Espere aí, Zé. Garantia não te dei. Eu disse que a radiola era garantida, e se você observar bem, pode ver que essa é a marca dela. Agora se você quer um produto com garantia, vá comprar lá em Campina, que o lojista pode lhe dar a carta.

É que Pedro tinha essa mania de jogar com as palavras, levando o desavisado a erro. Nesse caso, havia colocado uma placa com o nome “Garantida” na radiola para enganar qualquer inocente. Quando Zé se deu por conta da safadeza a confusão já estava feita, o resultado não fora outro senão acabar Pedro na prisão. Ao chegar no xilindró, foi recebido por Melão:

- Você de novo Pedro?!

- O que eu posso fazer, seu poliça se o povo não entende de negócio. Eles compram, depois a mulher desmancha e quem paga o pato sou eu!



O Angelus, autoria de Chico Pintor

Você deve está ai nem ouvindo,
rejeitando minha chamada,
tapando os seus ouvidos
e fingindo que não escuta nada,
mas me dá uma chance!

Porque quando você me ligava
pedindo desculpas, eu atendia.
Aceitava sua chamada, com muita
educação
pensava e depois lhe dizia “tudo
bem...”

Agora quando sou eu você rejeita!
E no fim... Eu sou a vilã da história.

Você deve está ai nem ouvindo,
rejeitando minha chamada,
tapando os seus ouvidos
e fingindo que não escuta nada,
mas me dá uma chance.

Desculpa, vai!

Hauane Maria

LIGAÇÃO OCUPADA

Tô ligando pra ti dizer amor
que eu ainda te amo,
não consigo te esquecer.
Devo esta fazendo papel de tola,
mas eu não ligo.

Só te quero ao meu lado a todo
instante.
Só quero teu sorriso junto ao meu, ao
meu...

Triste Olhar

Passo e ele me segue
Até me perder na impotência da retina.
Sem brilho, cinzento, úmido...
Ah, triste olhar que me suplica
Um pouco de algo perdido,
Algo sentido, implorado e querido,
Que lhe tirou o brilho,
Doou-lhe a lágrima
Inchou suas pálpebras,

Roubou-lhe o mundo.
Ah, triste olhar que chora melancolias
Triste olhar que vai e que vem
Em busca das belezas
Que ficam detrás do horizonte,
Bem longe, onde se esconde o sol
E onde imagina encontrar a felicidade.

Raimundo Viturino, Em 25/09/1989